



CÁLIPO, Nara ; RODRIGUES, Graziela. Processo de Criação no método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete): co-habitar no corpo. Campinas: Universidade Estadual de Campinas. Universidade Estadual de Campinas, mestrado, Graziela Rodrigues. FAPESP, mestrado. Bailarina-Pesquisadora-Intérprete.

O artigo traz um recorte de uma pesquisa de mestrado em conclusão, onde é abordado o desenvolvimento de uma intérprete formada no método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). A pesquisa se deu no corpo desta intérprete pesquisadora que, ao concluir seu primeiro processo no método BPI (onde foram desenvolvidos integralmente os três eixos e apresentado seu produto cênico), lançou-se a novos co-habitar em campos de pesquisa distintos. Se co-habituou com mulheres artesãs do capim dourado e com mulheres quebradeiras de coco babaçu, de diferentes regiões do Estado do Tocantins, buscando desta forma, experienciar esta confluência de campos. Os conteúdos apreendidos foram desenvolvidos em laboratórios dirigidos, onde, na busca por um corpo imbuído de potencialidades e de vitalidade, emanou a personagem Daialá.

Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Estruturação da Personagem: Processo de Criação.

"The paper gives an outline of a master's thesis in completion stage, which addresses the development of an artist formed in the BPI method (Dancer-Researcher-Performer). The research took place in the body of this researcher interpreter, after finishing her first process in the BPI method (in which the three axes were fully developed and her scenic product was presented), while she was cohabiting in different research fields. The researcher has cohabited with female artisans working with golden grass and female babassu coconut breakers, in the Tocantins State, seeking thereby, to experience this confluence of fields. The seized contents were developed in managed laboratories, where, looking for a body imbued with vitality and potential, the character ""Daialá"" emanated."

Dancer-Researcher-Performer: Structuring of the Character: Creation Process

O objetivo central desta pesquisa foi gerar estudo e análise do desenvolvimento do bailarino-pesquisador-intérprete que já concluiu um processo artístico no método BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). A pesquisa se deu a partir da análise da confluência dos conteúdos vivenciados em meu corpo, na realização de pesquisas de campo do eixo Co-Habitar com a Fonte.

Foram realizadas quatro idas a campo do Co-habitar com a Fonte, em campos de qualidades corporais distintas: duas delas no Jalapão, e duas no Bico do Papagaio, ambas regiões do Tocantins. No Jalapão, o foco do co-habitar se deteve nas mulheres artesãs do Capim Dourado, e algumas das manifestações que permeiam seu universo, como a brincadeira da Roda-Chata e a reza da sexta-feira da Paixão, junto à Festa dos Caretas (personagens denominados "fantasmas"). No Bico do Papagaio, o foco esteve nas mulheres quebradeiras de coco babaçu e no Terecô, manifestação religiosa agrária em que há a incorporação de encantados (entidades espirituais), presente no cotidiano destas. No BPI, segundo sua criadora, neste momento realiza-se:

A análise e decodificação de estrutura física e dos movimentos das partes do corpo ocorreram dentro de algumas manifestações populares brasileiras. Além dos fragmentos de dinâmica, comumente considerados "os momentos da dança", consideramos as ações que permeiam os rituais.(RODRIGUES, 1997, p.43)

No geral, os conteúdos apreendidos com as mulheres do capim dourado, não alcançaram a interação necessária em meu corpo para se dar desenvolvimento ao processo. Isto porque deparou-se com a comunidade em negação de segmentos da própria cultura, e com a atividade desprovida de sentidos e qualidades corporais que pudessem nutrir o corpo da intérprete no processo criativo.

Neste ponto, é importante destacar a imprescindível confiança e entrega à diretora e orientadora da pesquisa, Graziela Rodrigues. Ela possui o olhar apurado que, através do que estava sendo expresso nos trabalhos de dojos<sup>1</sup>, identificou as demandas do meu corpo naquele momento do processo. Graziela conduziu-me seguramente para um campo que iria mobilizar-me no sentido do desenvolvimento, sugerindo o campo das mulheres quebradeiras de coco babaçu, devido ao tônus muscular particular à esta atividade, e à característica de resistência em suas vidas através das histórias de luta.

Os corpos co-habitados neste campo, mostraram-se detentores de uma apurada técnica de movimento. Quebrar coco babaçu é algo que está incorporado em níveis bastante profundos naquelas mulheres co-habitadas. A compreensão de tais movimentos, depende, sobretudo, de uma apreensão dos conteúdos não verbais presentes no campo, pois o ato de quebrar coco é uma elaboração corporal pautada em uma vida de resistência e sobrevivência, e na aderência daqueles corpos às paisagens na qual pertencem.

Ainda com as mulheres quebradeiras de coco babaçu, foi possível ter a imersão no universo festivo do Terecô no contato com mestras e médiuns, rituais e todo o cotidiano que os permeia. O Terecô é extremamente dinâmico no que diz respeito à sua estrutura e elementos. Os encantados têm como função a cura e a realização de “trabalhos” a pedido de seus seguidores, são categorizados em linhas e correntes, sendo estas não tão bem delimitadas, pois entrelaçam-se e fundem-se entre si.

Estas novas pesquisas de campo do eixo Co-habitar com a Fonte, com as quebradeiras de coco babaçu, marcaram um novo momento da pesquisa, pois alimentaram meu corpo no sentido do desenvolvimento criativo do processo. Os laboratórios dirigidos<sup>2</sup> realizados após as idas a este campo fez emergir um manancial de conteúdos, onde foi possível chegar a um corpo, nomeado Daialá.

Daialá é a síntese de diversos outros corpos que se fizeram presentes em laboratórios dirigidos. Contém em si diversas porções de uma única mulher que vive desde seu estado máximo de dor ou fúria, alcançando grande enrijecimento e dureza do corpo, até um estado de êxtase, quando se recompõe de toda a dor, e permite-se dançar.

Um dos laboratórios dirigidos sintetizou o que foi a experiência em meu corpo ao co-habitar com as quebradeiras de coco babaçu, possibilitando chegar à analogia, junto com Graziela Rodrigues, do trabalho corporal no BPI com o da retirada da castanha do coco-babaçu.

Nesta laboratório, a primeira direção dada por Graziela foi para delimitar no espaço do dojo três faixas: uma seria o espaço da quebração de coco, na segunda caberia o sofrimento e dor da mulher que vinha se fazendo presente nos laboratórios anteriores, e o terceiro seria o espaço dos encantados, do terecô, onde há a liberação do corpo.

Fui orientada a iniciar o laboratório na primeira faixa, com o registro sonoro das mulheres quebrando coco. Neste momento, houve uma grande transformação no tônus muscular, que se tornou tão elevado que impediu um fruição na movimentação corporal, gerando a

sensação de ter o corpo amarrado por dentro: os músculos, tendões e articulações. O corpo se encontrava em estado de grande força provido pelo sentimento e fúria que se fazia presente. O corpo dava contingência a toda estes sentimentos e sensações seguindo-os, pois acreditava que não daria conta daquela força liberada. Graziela orientou-me então, a soltar esta força aos poucos, de forma que pudesse ter a percepção de que conteúdos eram aqueles e de que forma estavam saindo do meu corpo.

Tive dificuldade em liberar a musculatura e entrar em contato com o que sentia neste momento, se fez presente o receio do conteúdo emocional que poderia vir à tona, de me deparar com algo que não queria entrar em contato (ressalta-se que no BPI todo o conteúdo que emerge no corpo é devidamente amparado, o intérprete entrará em contato apenas com aquilo que está pronto para elaborar). A partir de então, passei a ocupar a segunda faixa, e aquele estado de dureza, de segurar, foi dando passagem para um “desabar”, uma porção do corpo de Daialá, que perde as forças e que se sente impotente, derrotado. Com a condução de Graziela, não deixei que este segundo estado se transformasse em uma entrega ao vazio, mas uma passagem para um terceiro estado, onde se revela o que ocorre quando não se sobra mais nada, quando o corpo desaba: se torna o corpo que baia terecô, investido das potencialidades do encantado. Passei a ocupar então as três faixas delimitadas no dojo e o corpo estava atuando com os conteúdos de vitalidade que imergiram do campo.

Desta forma, foi possível, neste momento, ter a analogia da quebração de coco com o processo no BPI através do que ocorreu de forma bastante clara em meu corpo. A casca, dura e grossa do coco babaçu, precisa ser estudada para que o ponto a ser quebrado e aberto revele as castanhas sem estragá-las (ou machucá-las, no palavreado das quebradeiras), o processo de retirada não é simples e envolve precisão dos atos; o bruto é trabalhado com uma sutileza afiada à lamina do machado. O terecô complementa a experiência com os corpos provindos das quebradeiras de coco, propondo um contraponto a essa dureza quando, ao toque do tambor, investindo-se de toda a sua potencialidade trabalhada na quebra do coco, o corpo permite-se dançar com fluidez, dinamizando suas formas em relação ao ritmo, aos planos do espaço e aos seus sentidos. O mesmo processo ocorre no BPI quando, na minuciosa transição do corpo bruto ao sutil, em um trabalho de se “retirar a castanha”, o corpo atinge suas camadas mais profundas, o que lhe permite alcançar seu cerne.

Os conteúdos desenvolvidos corporalmente em laboratórios dirigidos ressoaram no sentido da “retirada da castanha”, dando fluidez ao processo. Adentrar em outras camadas de meu corpo ampliou minhas percepções como intérprete, nos laboratórios criativos e apresentações públicas, e como pesquisadora, durante as pesquisas de campo.

A direção no BPI atua sempre no sentido de prover a elaboração e integração dos conteúdos do corpo do intérprete, enfatizando sempre a qualidade em detrimento da quantidade destes. Melchert, esclarece sobre este momento que:

A criação está na originalidade de cada corpo, fruto do co-habitar. O roteiro é fruto do que o corpo escreve. Trabalha-se com o que o corpo deixa escapar, com a realidade possível do intérprete e com sua singularidade. (MERCHERT, 2007, p. 24)

Leva-se para cena o cerne do processo do intérprete, sempre atrelado a um desdobramento ligado a conteúdos de vida e resistência, não elevando a profusão de elementos que vieram a tona ao longo do processo como produto artístico.

---

<sup>1</sup> São espaços individualizados, a princípio circunscritos em torno da pessoa, configurando um espaço do próprio do corpo, denominado de Dojo, que depois, à medida que o corpo vai ganhando projeções no espaço, amplia-se para dar acolhimento cada vez mais à representação das imagens internas. Nos laboratórios há um diálogo que se firma entre o Diretor e o Intérprete no sentido da palavra auxiliar as novas organizações corporais que se apresentam.” (RODRIGUES, 2010, p. 03)

<sup>2</sup> “dirigidos através de criações de dinâmicas relacionadas aos conteúdos e desdobramentos de linguagens provindas das fontes pesquisadas.” (RODRIGUES, 1997, p. 148)

#### Referências Bibliográficas:

MELCHERT, A.C.L. O desate criativo: estruturação da personagem a partir do método BPI (Bailarino- Pesquisador-Intérprete). 2007. 158p. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

RODRIGUES, G. Bailarino-Pesquisador-Intérprete: Processos de Formação. Rio de Janeiro: Funarte, 1997. (Reedição 2005).

RODRIGUES, G. As Ferramentas do BPI (Bailarino-Pesquisador-Intérprete). In: Anais do I Simpósio Internacional e I Congresso Brasileiro de Imagem Corporal (ISBN: 9788599688120). UNICAMP. Campinas,SP. 2010  
<http://www.fef.unicamp.br/hotsites/imagemcorporal2010/cd/anais/trabalhos/portugues/Area3/ IC3- 28.pdf>